

09-01-2023

Maria Poteira

Aline de Fátima Marques

[Doutoranda UFJ (Universidade Federal de Jataí) – Grupo Dona Alzira]

Ao ler textos de José Saramago notei algumas formas de invisibilidade presentes nas relações humanas, entre elas tramas e traumas de personagens. Foi nesse viés que pensei no quanto gosto de lançar o olhar sobre as pessoas invisibilizadas da cidade e do campo - pessoas trabalhadoras e simples - personagens da vida real.

Criar no texto personagens a partir de pessoas reais é fascinante!

Nesta oportunidade escrevo sobre **Maria Poteira**. Na próxima, quem sabe será sobre você, prezado leitor e prezada leitora?

Pois bem! Em meio a uma conversa informal com amigos na *praça do Chafariz*, na cidade de **Mossâmedes-GO**, surgiu à memória a imagem de Maria Alexandra, conhecida como **Maria Poteira**. A lembrança dela deveu-se aos belos vasos e potes que vendia. Ela era uma mulher forte, de bom caráter e de personalidade prestativa; era esforçada e amorosa com todos os que lhe procuravam. O trabalho da bondosa artesã era conhecido na cidade e na região. Apareciam compradores de cidades vizinhas à procura de seus vasos, estes que, vazios, aguardavam mãos de margaridas, rosas, petúnias, açucenas.

Maria era também corajosa e se parecia com a poetisa Cora Coralina. Foi boa mãe e boa avó. A sua casa era asseada, decorada e possuía cheiro de familiaridade. As paredes eram verdes por fora, desbotadas, rústicas e de adobes (tijolos de barro, rudimentar).

A sua casa era aconchegante como as casas das tradicionais vovós do passado. Com estilo colonial, na frente da casa havia janelas grandes e de madeira. Parecia uma moldura quando **Maria Poteira** punha-se a debruçar sobre a janela. Havia no fundo da casa um grande quintal e um pomar com magueiras e cajazeiras. A cajazeira era disputada pela molecada da vizinhança. Ademais, ela morava na rua *José Caetano de Almeida*, na mesma cidade Mossâmedes, que foi palco de grandes peraltices infantis em meio à década de 1990.

A criançada brincava e corria em frente à casa de **Maria Poteira**. Às vezes, os meninos pulavam a tela de proteção que cercava seu quintal; subiam na cajazeira; quebravam algum vaso esquecido por ali e ficava tudo bem com a nobre senhora. Além disso, o latido dos cães se misturava à gritaria da meninada. Ela se contentava com a cena, falava pouco, amava muito e vivia concentrada na beleza de suas artes. Pelas suas mãos, essa que era representante de sua delicadeza interior, a cerâmica ganhava forma, cor e estampa no fundo do quintal. Arborizado e cheio de suas flores favoritas, o seu quintal era um jardim e também um zoológico de insetos.

Maria Poteira dedicou-se com afinco em seu ofício de artesã; se esforçava e ao mesmo tempo se divertia com as filhas em suas atividades cotidianas.

Ainda, no canto do quintal havia uma fornalha que **Maria Poteira** usava para queimar, com a ajuda do marido, as peças em argila.

Era um processo que se dava de modo lento no início, assim, a peça não se rachava nem se empenava. Ao final, elas se encolhiam ao perder o resto da água presente na argila. Tudo isso transformava o quintal florido de **Maria Poteira** num ateliê, o seu ateliê rústico, entretanto, encantado e mágico. Encontravam-se espalhados pela casa, potes, telhas, cabaças, pinturas e decorações. Ela amava os vasos e as flores. Suas flores preferidas eram as dalias.

Essas, combinavam com a sua personalidade. A dália representa a gentileza, a harmonia, a união, o comprometimento e a esperança, características fiéis da artista. As dalias eram retratos de sua personalidade. Com todas as qualidades da artista **Maria Poteira**, mulher simples do interior, ela não escapava da invisibilidade social, quanto aos seus desejos de um mundo melhor que se concretizassem nas ações e nas relações construídas com o outro. Ela guardava consigo traumas, do mesmo modo como outros tantos brasileiros, por diversos fatores, como: histórico, cultural, social, religioso, econômico, estético, a falta de documentação pessoal.

Os garis postos à margem social; os povos indígenas morando na metrópole; os camponeses; as comunidades negras, indígenas, quilombolas e remanescentes de escravos enfrentam a luta pelo território; as pessoas desempregadas também lutam cotidianamente contra a invisibilidade social e enfrentam ameaças pelo agronegócio, pela especulação imobiliária e até mesmo pelo poder público, que deveria protegê-los ao invés de invisibilizá-los. Tudo isso resulta da produção social da invisibilidade como forma de preconceito e de elitismo. A invisibilidade, há de saber, transforma as pessoas em objetos. Neste sentido, a pessoa é enxergada apenas pela função que exerce, ou pela posição social que ocupa. No mesmo contexto, José Saramago destaca as pessoas e seus modos de existência.

Maria Poteira, mulher simples que usava sua arte para lutar contra a invisibilidade social, foi uma artesã querida pelos moradores de Mossâmedes-GO. Ela não vive mais entre nós, contudo, deixou sua história. A sociedade rasgada pela desigualdade social é a mesma que não enxerga o sujeito vulnerável, empobrecido, estigmatizado. O sujeito invisibilizado é mais um objeto na paisagem. Estes sujeitos são, porém, pessoas que produzem histórias interessantes e que por este motivo vos

apresentei **Maria Poteira**.

E seus vasos de cores, flores e amores.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.